

A família na educação

Maria Cecilia Veluk Dias Baptista ²⁰

A pedagogia tradicional limita a relação educador – educando ao contexto da sala de aula. Essa visão de mundo cerceia e limita a ação pedagógica. Várias são as vertentes pedagógicas que abrem os muros da escola, mostrando que a educação se dá na rua, na cidade, na vida. A educação tem um caráter permanente e continuado; não faz sentido quando imposta ou fundamentada no medo. Nela, o homem deve ser o sujeito (e não objeto) de seu próprio desenvolvimento. Ele sempre será um ser inacabado, incompleto, porque nunca saberá de maneira absoluta. Segundo Freire (1981), o homem é um ser de relações e, portanto, está no mundo e com o mundo. Esses pressupostos revelam uma nova visão do homem, do mundo e da educação, cujas principais características são:

1. O homem capta uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Dessa forma pode procurar soluções transformadoras e criar um mundo próprio, subjetivo.
2. A cultura pode ser entendida como tudo o que é criado pelo Homem.
3. O homem cria e recria sua realidade para ser mais.
4. A educação não é um processo de adaptação e sim de transformação.
5. A educação deve estimular e desinibir o lado criador do Homem para que se integre melhor no mundo.

A maior falha de qualquer processo educacional é querer domesticar os educandos, acomodá-los, fazê-los repetir o professor ou os pais, impedindo-os de criar, tomando-os meros repetidores ou armazenadores da conserva cultural. Educar é desenvolver uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade. Na medida em que respondem aos desafios do mundo criativamente, constroem sua própria história.

Visão Moreniana de Homem

A visão de mundo moreniana (Moreno, 1992, 1993) pode ser entendida a partir dos seguintes pressupostos: 1) o Homem é um Ser relacional, necessitando das relações e interações para determinar o surgimento e o desenvolvimento do EU, de sua identidade. É através de seus papéis que vai construindo o seu EU, integrando-se ao grupo a que pertence. Através do fator TELE (atrações e rejeições aos outros) as pessoas se organizam espontaneamente, construindo as redes que darão

sustentação à estrutura grupal; 2) O Homem é um Ser espontâneo e criativo, dotado do fator E (espontaneidade), que permite que os indivíduos dêem respostas novas e adequadas a situações inesperadas. Como a realidade é mutável, a espontaneidade é que permite à pessoa adequar-se a ela. Portanto, a partir do que é oferecido pelo grupo social (conserva cultural) o indivíduo tem capacidade de criar novas e adequadas respostas a sua realidade, buscando com flexibilidade as soluções para as questões multidimensionais da vida. Cada realidade tem uma narrativa verbal, um espaço e um tempo (visão tridimensional); 3) O homem está sempre em ação. Assim, ele deve ser mais preparado para a vida do que para o saber. Ele é, vive e cria sem parar. Não se trata de um momento passado, nem abstrato. A única maneira em que o passado e o futuro existem é no aqui (neste lugar) e no agora (neste momento) - (*status e locus nascendi*). A visão do momento só “tem significado num mundo aberto, num universo em que haja lugar para a mudança e o novo”, com a primeira realidade em que se produz mudança e crescimento. Porém não basta só um mundo aberto. É necessário que o homem perceba a realidade e que esta percepção implique num estado espontâneo, continente a um universo criador.

Resumindo, Moreno (1992, 1993) concebe o homem, individual e relacional. Como indivíduo, o foco de seu desenvolvimento é a espontaneidade; relacionalmente, o núcleo é o grupo – sujeito, que se nutre da “tele-estrutura”. Pragmaticamente, esse homem atua através de um papel, que é o “eu-tangível”. Através das condutas manifestas o homem se apresenta e se expressa. Esses pressupostos norteiam a proposta moreniana tanto em relação à educação e às ações preventivas, quanto aos processos terapêuticos como ações curativas.

A Família: Matriz de Identidade no Desenvolvimento da Criança

Desde antes do nascimento, a criança está inserida num grupo social, que é a família biológica (ou família substituta - ou família institucional). A função da família é garantir o desenvolvimento desse novo membro, assistindo a criança em sua formação. Nesse grupo, a criança será alimentada física e psiquicamente. Para Moreno (1993), esse primeiro ambiente no qual a criança estabelece seus primeiros contatos com o coletivo é chamado de placenta social. Lentamente a criança aprenderá novos papéis sociais que organizarão sua identidade, partindo do caos - que é uma indiferenciação total com o mundo que a rodeia –até a gradativa diferenciação e independência. Essa aprendizagem de papéis iniciada dentro do grupo familiar (papel = unidade de condutas interacionais observáveis) é realizada de modo vivencial (dramatizações espontâneas), numa perspectiva de co-existência, co-experiência e co-ação com o grupo. Os papéis são desenvolvidos nos níveis psicossomáticos, sociais e psicodramáticos (educação assistemática).

Assim, desde a família, a criança é iniciada no processo de socialização, sendo educada para a sua relação com o mundo. Todo esse processo ocorre através de etapas bem definidas. Para que esse processo ocorra normalmente, é necessário que a família, como iniciadora e matriz fundamental, respeite a espontaneidade com a qual as crianças nascem, e crie condições para que ela se desenvolva no sentido da construção de sua identidade, de sua autonomia e da manutenção dos relacionamentos sociais.

Caso isso não ocorra, a criança não terá liberdade suficiente no processo de co-experiência e permanecerá fixada numa das etapas da Matriz de Identidade. Seu desenvolvimento ficará tolhido, seus processos espontâneos e criativos de aprendizagem ficarão embotados. Se isso ocorrer, serão necessárias as intervenções terapêuticas (de qualquer ordem). A partir delas buscar-se-á a implicação de todos os personagens envolvidos no problema na tarefa de encontrar soluções adequadas. Buscase a percepção de novos ângulos do problema e a liberação das tensões. Dessa forma, o(s) grupo(s) social(is) e a(s) rede(s) envolvidas no problema poderão obter / descobrir uma nova perspectiva que os levarão à mudança e à recuperação da espontaneidade.

Visão Sistêmica, Redes Sociais e Educação

Estamos convivendo com uma reordenação do pensamento científico. Não podemos mais pensar em várias ciências, várias abordagens e várias práticas, de forma estanque e departamentalizada. Estamos diante de objetos de estudo complexos, de totalidades, de sistemas, em todos os campos de conhecimento. O conceito de **sistema** foi incorporado tanto pela linguagem científica como pela linguagem cotidiana.

Segundo Sluzki (1997), apesar de ser um conceito trazido por Bertalanffy, na década de 20, só recentemente utilizou-se a abordagem sistêmica. O esquema mecanicista, fundamentado na noção linear de causa e efeito, passou a não dar conta da explicação de todos os problemas. A teoria dos sistemas tem sido alinhada a mais três outras contribuições: a Cibernética (de Wiener, 1948), a Teoria da Informação (de Shanon, 1949), e a Teoria dos Jogos (de Von Neumann, 1947). Assim, conceitos como os de “retroação”, “alimentação” e “cibernética” foram adotados nas áreas tecnológicas, biológicas e sociais. Através desse Modelo Teórico, a psicopedagogia pode ampliar seu repertório de atuação no enfrentamento dos problemas referentes ao ensino, à aprendizagem e ao comportamento. O enquadramento dos problemas foi modificado das seguintes maneiras: a) mudança da parte para o todo: a parte só pode ser entendida na dinâmica do todo; b) mudança de estrutura para processo: a teia de relações é intrinsecamente dinâmica; c) mudança de ciência objetiva para ciência epistêmica: conhecimento como processo; d)

mudança de construção para rede: não há hierarquias nem alicerces; e) mudança de descrições verdadeiras para descrições aproximadas: não temos a compreensão completa e definitiva da realidade.

Na esfera educacional, o Modelo Sistêmico propôs uma visão do fenômeno como um todo: ao invés de buscar as causas e efeitos na relação do indivíduo com a sociedade de maneira linear, procurou-se uma visão circular e global. Nessa perspectiva todos os atores são responsáveis pela ação, individual e coletiva. A atitude de um influencia a do outro. Dessa forma, passamos a nos reconhecer, professores e alunos, como seres em constante mudança. O ato de aprender e de ensinar é visto como um processo dinâmico e complexo, no qual a interação e a comunicação exercem capital influência. Os formadores seriam ajudantes da transformação do indivíduo que aprende.

Família e Educação

Já discorreremos sobre a participação da família na educação. Contudo, torna-se necessário enfatizarmos a ligação da família com as dificuldades de aprendizagem, bem como a possibilidade de parceria entre a família e a escola, no processo de desenvolvimento da criança. Crianças e jovens são levados à clínica psicológica com “dificuldades de aprendizagem” - entendidas como desordens que afetam as habilidades pessoais de interpretação ou o relacionamento de informações vistas e ouvidas, comprometendo a realização dos trabalhos escolares e impedindo o aprendizado da leitura ou da matemática, podendo ocorrer em vários momentos da vida. Uma intervenção familiar pode ser oportuna e beneficiar o grupo, fazendo com que tome consciência das relações estabelecidas, propondo mudanças. O que mais se observa é que a pessoa “adoecida” sai da posição de portadora do sintoma do grupo, envolvendo, implicando e dividindo o sofrimento com todos do sistema familiar.

Algumas famílias, ao se depararem com os maus resultados escolares de um de seus membros, manifestam sua decepção, sua desaprovação, sua raiva. Outras apresentam total indiferença ou completa ausência de interesse pela dificuldade da criança. O que há de comum nessas duas atitudes é que ambas afetam o indivíduo, em seu todo, impedindo que ele se desenvolva de forma natural e satisfatória. Ao envolver a família e seu contexto nas dificuldades de aprendizagem estaremos tentando entender como essas situações podem ser encaradas e administradas pelo grupo. O fracasso escolar, em sua forma evolutiva, possui uma gama de fatores que estão intimamente relacionados com o sistema familiar, educacional e social no qual o estudante está inserido. Portanto, frente ao modelo sistêmico, todas as redes sociais envolvidas na situação-problema são co-responsáveis. A solução reside na co-construção de uma experiência coletiva que traga alternativas de transformação para sua realidade.

A colocação do indivíduo no espaço familiar dentro de um contexto atual e geracional permitirá a formação de um quadro mais amplo para o entendimento das dificuldades de aprendizagem. Na medida em que a família funciona e se vê como um sistema, ela supõe um movimento dinâmico e constante. Quando esse movimento cessa e começa um padrão rígido, com papéis estereotipados, a situação torna-se patológica, não permitindo o desenvolvimento e a diferenciação de cada membro. O sujeito não aprende. Ele e o sistema passam a ser prisioneiros do tempo, não podendo aprender, porque não podem caminhar no tempo. Surgem os transtornos na vivência temporal, como a ausência ou a inadequação de respostas. Cada grupo familiar nutre expectativas e valores sobre o que seu filho deve ser e como deve se comportar, tornando-se escravos dessas idealizações. Desde o nascimento começam as profecias, os mandatos, as comparações, as lealdades, etc. Todas essas expectativas marcam profundamente o desenvolvimento da criança, estando muitas vezes em desarmonia com as aptidões, as capacidades e os desejos do indivíduo. O aprendizado depende tanto do desejo da pessoa quanto da autorização familiar.

O sistema familiar pode proporcionar um continente seguro para a aprendizagem, desde que os pais consigam separar seus próprios conflitos das questões intelectuais e profissionais dos filhos. Cada grupo familiar se aproxima (ou se afasta) do saber de uma maneira diferente, dependendo de como as diversas gerações passadas se relacionam com a aprendizagem. O enfoque sistêmico permite que as dificuldades de aprendizagem não se tomem pesadas demais para a criança e distribui o sintoma por todos os envolvidos: família, professores, escola e meio social. Assim, permite que a criança utilize melhor seu potencial. Temos de estar atentos e críticos às influências recíprocas que acontecem entre os sistemas escolar e familiar. Escola e Família participam do processo de desenvolvimento humano como matrizes de sua formação.

Segundo Benoit (1985, *apud* Polity, 1998), “não é aceitável isolar o indivíduo do seu contexto social imediato... A realidade humana básica é o indivíduo e seu meio ambiente.” O processo de aprendizagem será beneficiado sempre que houver uma troca coerente e conjunta entre a família e a escola. A escola é um local gerador de novas experiências relacionais tanto para a criança, num ambiente diferente da família, quanto para a família, na ampliação de sua rede de relações. Até a entrada na escola, a criança tem como referencial os valores, regras e normas do seu grupo familiar. Quando passa a frequentar a instituição escolar ela amplia seus referenciais. A família passa a ser um sub-sistema inserido no sistema escolar, devendo cumprir uma série de normas e regras impostas por esse sub-sistema. A participação da família na escola se dá através da criança, do filho, do aluno e da presença dos pais no grupo de pais de alunos. A escola passa a ser um local de novas experiências relacionais para as crianças e para a família. Esse convívio marca significativamente a família e exerce uma importante influência na instituição escolar.

Algumas escolas, preocupadas com o produto (notas) deixam de lado o processo da criança na construção do saber. Desenvolvem suas atividades direcionadas aos alunos “padrão”, dificultando o acompanhamento do processo de desenvolvimento dos alunos com dificuldade de aprendizagem. Assim, impossibilitam essa criança de diferenciar-se em suas competências e dificuldades e de desenvolver suas potencialidades individuais. Muitas vezes isso significa uma repetição dos padrões familiares. A escola deve estar atenta para o papel e o lugar que ocupa no sistema social como matriz de desenvolvimento e foco das múltiplas aprendizagens, e como facilitadora e mediadora de processos de mudança.

As configurações familiares modernas influenciaram e exigiram que as instituições escolares ampliassem as suas funções sociais. Por exemplo, foram criados os serviços de creche e maternal para as mães que trabalham. A escola, como sub-sistema do sistema social, não pode estar distante das mudanças que estão ocorrendo no sub-sistema familiar. A parceria família e escola necessita de constante atenção e cuidado na importante tarefa de promover a educação e o desenvolvimento do educando.

Referências Bibliográficas

- FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
MORENO, J. L. *Quem sobreviverá?* Vol. I, II, III. Goiânia: Dimensão, 1992.
MORENO, J.L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1993.
POLITY, E. *Psicopedagogia: um enfoque sistêmico*. São Paulo: Empório, 1998.
SLUZKI, C. E. *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

Resumo

A autora aborda a participação direta da família no processo de educação. Partindo das teorias psicodramática e sistêmica ela coloca os formadores, pais e professores como ajudantes da transformação do indivíduo que aprende. Enfatiza que os bloqueios e as dificuldades de aprendizagem, vistas sob esse enfoque teórico, só podem ser superadas a partir da parceria efetiva e eficaz da família com a escola.

Palavras-chave: Educação, Família, Teorias Sistêmicas, Psicodrama.

Abstract

The author approaches the direct participation of the family in the process of education. Under the theoretical point of view of the Psychodrama and the systemic theories the writer approach the fathers and professors like agents of change in the learning process. Also give emphasis that the learning obstacles and difficulties, only could be overcome with an effective partnership of the family with the school.

Key words: Education, Family, Systemic Theories, Psychodrama.